



ROBERTO ROMANO

Professor de Ética e Filosofia da **Unicamp** sustenta jamais ter visto uma crise institucional tão grave. Diz que não há nenhum resquício de credibilidade em Temer, seus aliados ou outro grupo político qualquer. Afirma que os últimos anos mostraram o lado sombrio do STF e, pior: não há ninguém no país em condição de liderar uma retomada. Para ele, o Brasil está na ante-sala do...

APOCALIPSE

A crise não está no fim. Essa frase é do professor de Ética e Filosofia da **Unicamp**, Roberto Romano, que diz que o Brasil está na ante-sala do Apocalipse. Leia abaixo trechos da entrevista concedida ao Jornal Metro.

O Brasil fecha 2016 com uma presidente deposta; o sucessor sob risco de não concluir o mandato; os presidentes da Câmara e do Senado implicados, ministros e dezenas de deputados denunciados e, por fim, um STF sob suspeita. Tem como piorar?

Tem como piorar sim. Porque esta crise não está no final. Ela é o resultado mais evidente do que é o Estado brasileiro. Em 2017, teremos surpresas muito desagradáveis. Porque pode ter aplicação com maior força das delações da Odebrecht, que podem levar mais da metade da Câmara e do Senado para os tribunais. Além disso, você pode ter agravamento da perda de credibilidade do STF (Supremo Tribunal Fe-

deral) – porque aquela decisão de deixar Renan (Caleiros) na presidência do Senado, mas impedi-lo de assumir a presidência do país, deixou claríssimo para a população que se tratou de um acordão. Tende a piorar, porque você vê a revolta do Ministério Público e juizes contra as retaliações do Congresso e a população cada vez mais desempregada. Medidas truculentas do ponto de vista econômico, recaem a cada dia nas costas das pessoas mais necessitadas. Veja a decisão que diminui a multa por rescisão por justa causa e ao mesmo tempo incentiva o uso do FGTS para pagar bancos. Fica evidente a opção preferencial do governo temporário por uma pauta que favorece 1% da população e não a totalidade. Isso tudo faz com que a popularidade e legitimidade do governo caia cada vez mais. Então eu vejo que não estamos no fim da crise. Na verdade, eu vejo que nós estamos na ante-sala do apocalipse.

Perfil

Graduado em Filosofia pela USP

Doutor em Filosofia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris

Nascido na pequena Jaguapitã, no Norte do Paraná, Romano morou em Marília, interior de São Paulo e estudou em um convento dos Dominicanos em Juiz de Fora, Minas Gerais.

O Brasil já viveu em sua história, um período tão caótico do ponto de vista institucional, como o que vivemos hoje?

Eu analiso o Brasil há 40 anos e vivo no Brasil há 70 e nunca testemunhei e nunca encontrei na literatura científica e histórica, uma situação tão caótica e tão dramática, com a perda do sentido da autoridade pública. Você não tem mais nenhuma autoridade pública com capacidade de se fazer obedecer. E isso só pode prenunciar o caos. Somando-se tudo isso, existem pesquisas que mostram que boa parte da população brasileira não escolhe mais a democracia. Que está à espera de um gover-

no autoritário que, supostamente, iria resolver esses problema da corrupção. Esse velho espectro do regime ditatorial aparece como esperança para os que não têm mais esperança na democracia.

Há mais ou menos 1 ano o Sr. falou sobre a possibilidade pacto político. Ainda vê isso como saída?

Eu fico preocupado porque, com a crise de Estado que se vê no mundo, você não tem lideranças democráticas. Só têm lideranças demagógicas. E o Brasil está numa situação muito pior, porque não tem nenhuma liderança democrática capaz de estabelecer alguma coisa. Na luta pelas diretas, por

exemplo, você teve acordo da esquerda com os liberais; um acordo nacional. Hoje não tem nada disso. Pega o quadro dos políticos brasileiros e não há nenhum que tenha adesão nacional. É muito difícil encontrar indivíduos, grupos políticos ou partidos capazes de articular um acordo nacional.

O Sr, acha que o governo Temer pode não terminar?

Eu não sei. Ele tem operadores que são extremamente hábeis, mas mesmo esses estão ameaçados, caso do Romero Jucá, por exemplo. Mas acho que vai ser muito difícil ele chegar incólume a 2018. Me lembra muito o fim do governo Sarney, quando ninguém mais tinha nenhuma confiança na presidência ou no Congresso. Você tinha um ambiente de perda total de credibilidade. A única diferença que é que você não tem aquela inflação terrível do Sarney. Mas o desemprego pode ser aquela inflação.

Uma eleição direta

resolveria?

Para que tivesse uma eleição direta seria necessário que tivesse liderança nacionais. Mas isso não existe hoje. De qualquer ângulo que você olhe, você tem uma população enfurecida, enraivecida, desesperançada e que pode, inclusive, sufragar um nome demagógico... a semente de Collor (ex-presidente do Brasil) que promete a redenção imediata.

E o STF nisso tudo?

A crise mostrou o lado absolutamente sombrio do STF. Toda a trama de favores que leva à escolha desses ministros. A falta de independência do STF ficou clara e isso vai piorar a situação institucional do Brasil ainda mais.

Então, nós não temos saída?

Antes se dizia que estávamos num matos sem cachorro. Hoje estamos no deserto sem cachorro.



TOTE NUNES

METRO CAMPINAS